



**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH)
Departamento de Psicologia
Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa**

**A importância da atuação de Indígenas Intérpretes de Libras em um
contexto cultural Indígena: Exposição “Xingu: Contatos”**

Luciana Maria dos Santos-Pankararu

São Carlos
2024

A importância da atuação de Indígenas Intérpretes de Libras em um contexto cultural Indígena: Exposição “Xingu: Contatos”

Luciana Maria dos Santos-Pankararu

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para obtenção do título de Bacharela em Tradução e Interpretação em Libras/ Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Janaina Cabello

São Carlos
2024

Dedicatória

Dedico todo meu aprendizado, esforço e principalmente conquista ao meu povo indígena Pankararu e para todos os povos Indígenas brasileiros.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à UFSCar por ser uma universidade que representa o Brasil em sua imensa diversidade cultural, pois desde 2008, quando abriu suas portas para as Ações Afirmativas, o reconhecimento nacional desta Universidade só vem crescendo devido à presença da diversidade étnica que se encontra em seus quatro campi: São Carlos, Sorocaba, Araras e Lagoa do Sino.

Apesar das instâncias governamentais muitas vezes não favorecerem os nossos projetos e meios de permanência no espaço acadêmico, quero agradecer as instâncias institucionais que nos assistem nesta caminhada, fazendo todo o possível (dentro dos seus limites) para que nós, estudantes indígenas, nos formemos no Ensino Superior. Agradeço às reitoras atuais, a professora Dra. Ana Beatriz de Oliveira (Bia) e a professora Dra. Maria de Jesus Dutra dos Reis (Jesus), por sempre estarem prontas a nos ouvir.

Agradeço a Thais Palomino, pedagoga da Coordenadoria de Acompanhamento Acadêmico e Pedagógico para Estudantes (CAAPe), por nos acompanhar com a sua lupa mágica durante o tempo da graduação. Ao Djalma Ribeiro Júnior, que além de ser um apoiador desde sempre, atualmente é o Pró-reitor de Assuntos Comunitários e Estudantis. Agradeço aos trabalhadores do Serviço Social da Universidade, que desenvolvem ótimos trabalhos quando se trata de acompanhamento dos estudantes indígenas.

Agradeço também a todas as pessoas que fazem o Curso TILSP: professores e professoras, secretário, técnicos, e aos intérpretes que contribuíram com a nossa formação; aos demais colegas de turma, em especial as minhas amigas de turma Alice e Luana. E não poderia deixar de agradecer à minha querida e doce orientadora, Jana.

Agradeço a todos que conheci, tanto na academia quanto na cidade de São Carlos e que hoje são pessoas especiais e que fazem parte da minha vida.

Por fim, agradeço a minha família que mora na aldeia e anseiam pelo meu retorno e também ao meu esposo, pessoa que a UFSCar me proporcionou. Muito obrigada!

Resumo

Este trabalho, ao apresentar e discutir a atuação de indígenas intérpretes de Libras em contextos nos quais as questões étnico-culturais indígenas são abordadas, defende a atuação destes profissionais como fundamental para garantir a acessibilidade às pessoas surdas ao contexto sociocultural indígena brasileiro, compreendendo as singularidades linguísticas, sociais e culturais de ambas as comunidades (surdas e indígenas). Desse modo, a partir da análise da atuação de três profissionais indígenas na exposição “Xingu: Contatos”, realizada pelo Instituto Moreira Salles em São Paulo entre os anos de 2022 e 2023, evidenciamos a importância da atuação destes intérpretes de Libras, dadas as particularidades da diversidade cultural indígena e a premente questão da representatividade indígena (também) no campo de formação/atuação de profissionais intérpretes de Língua Portuguesa e Libras. Para a discussão, foram analisados vídeos das atuações desses profissionais, caracterizando a pesquisa como documental, de cunho qualitativo. O trabalho apresentou um breve panorama de reflexões, que nos permite incentivar a formação de pessoas indígenas como tradutoras e intérpretes de Libras, buscando fomentar ainda discussões interdisciplinares que versem sobre os aspectos éticos, sociais, linguísticos e culturais nos contextos surdos e indígenas e, mais especificamente, no campo de formação na área da tradução e interpretação de Libras/Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Formação de intérpretes de Libras. Indígenas tradutores e intérpretes de Libras. Tradução/interpretação para a Libras na esfera cultural. Exposição Xingu.

Abstract

This paper, by presenting and discussing the work of indigenous interpreters of Libras in contexts in which indigenous ethnic-cultural issues are addressed, advocates the work of these professionals as fundamental to guaranteeing accessibility for deaf people to the Brazilian indigenous socio-cultural context, understanding the linguistic, social and cultural singularities of both communities (deaf and indigenous). Thus, based on the analysis of the work of three indigenous professionals in the exhibition “Xingu: Contatos”, held by the Moreira Salles Institute in São Paulo between 2022 and 2023, we highlight the importance of the work of these Libras interpreters, given the particularities of indigenous cultural diversity and the pressing issue of indigenous representation also in the field of training/work of professional interpreters of Portuguese and Libras. For the discussion, videos of these professionals' work were analyzed, characterizing the research as documentary, of a qualitative nature. The research presented a brief overview of reflections, which allows us to encourage the training of indigenous people as translators and interpreters of Libras, seeking to foster interdisciplinary discussions that address the ethical, social, linguistic and cultural aspects in deaf and indigenous contexts and, more specifically, in the field of training in the area of translation and interpretation of Libras/Portuguese Language.

Key words: training of Libras interpreters. indigenous Libras translators and interpreters. translation/interpretation for Libras in the cultural sphere. Xingu Exhibition.

Lista de Figuras

Figura 1: Prints do vídeo “Kuikuro de Cinema”, disponível no site do IMS.

Figura 2: Prints do vídeo “Divino Tserewahu”, disponível no site do IMS.

Figura 3: Print retirada do vídeo “Kamatxi Ikpeng” disponível no site do IMS.

Lista de Siglas

TILSP - Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa. (Letras maiúsculas refiro-me ao curso).

Tilsp - Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa. (Letras minúsculas refiro-me ao profissional).

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
2. INTRODUÇÃO	12
2.1 Diversidade de estudantes Indígena na UFSCar	13
2.2 Atuação de intérpretes e tradutores/as de Libras e a questão da diferença indígena	15
2.3 Competência Tradutória dos Indígenas Tilsp	17
3. PERCURSO METODOLÓGICO	19
3.1 Caracterização do Material Consultado.....	19
3.2 Perfil dos Indígenas Profissionais Tilsp.....	21
3.3 Materiais Analisados.....	22
4. DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta discussões e reflexões sobre a atuação de profissionais indígenas formados como tradutores(as) e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa. Compreendendo as singularidades linguísticas, sociais e culturais de povos indígenas e pessoas surdas, neste trabalho refletimos sobre uma formação destes profissionais que precisa levar em conta realidades e culturas diferentes: as culturas surdas e as culturas indígenas. De início, trago a motivação que me levou a trilhar essa pesquisa.

Sou indígena da etnia Pankararu, venho da aldeia Brejo dos Padres, município de Tacaratu situada no interior Pernambucano. Esse povo indígena encontra-se divididos em três municípios: além de Tacaratu, também nos municípios das cidades de Petrolândia e Jatobá. Nos meus tempos de escola, na minha comunidade não havia o que hoje chamamos de ensino fundamental II e nem o Ensino Médio, apenas a educação infantil e ensino fundamental I eram ofertados. Por isso, éramos obrigados a finalizarmos nossos estudos na cidade mais próxima em Itaparica - Jatobá.

Eu me lembro que tive um bom percurso educacional, e foi na escola da cidade que pela primeira vez tive contato com uma professora de alunos com deficiência e alunos surdos. Eu me lembro que ela ensinava conteúdos básicos de Libras para os alunos que iam à escola, pois sabíamos que existiam mais pessoas surdas na região, porém nem todos procuravam, se interessavam ou mesmo sabiam que tinham direito a serem matriculados na escola regular.

Destaco que quando escrevo “tive contato”, é no sentido de às vezes vê-los sinalizando. Foi durante meu Ensino Médio que, de fato, tive meu primeiro contato com a Libras que era ensinada para os estudantes surdos, aprendendo sinais por meio de folhetinhos educativos, porém não foi o suficiente para adquirir o conhecimento sobre a vasta área que é a tradução e interpretação em Libras. Em relação ao processo educacional das pessoas surdas, os estudantes surdos não demoravam muito na escola, aprendiam um pouco da língua de sinais e logo desistiam, pois não havia muito incentivo, nem de familiares e nem mesmo do ambiente escolar, o que parecia naturalizar as suas desistências.

Passados alguns anos, ao ser aprovada no curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) em 2013, pelo vestibular indígena da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tive contato no ano de 2015 com o curso de bacharelado em Tradução e Interpretação

em Língua Brasileira de Sinais (TILSP¹), pois alguns amigos/parentes² estavam no curso e com frequência eu os via sinalizando, fazendo trabalhos, apresentações e, às vezes, interpretações em Libras. A partir do meu contato inicial com eles e com o curso, pensei que quando finalizasse minha graduação em BCI, faria a minha segunda graduação no curso TILSP, pois pretendo ser uma Cientista da Informação bilíngue, independente da unidade de informação em que atuarei.

De início, essa foi a minha motivação para cursar o TILSP. Com o passar dos anos adquirindo conhecimentos na área, comecei a me questionar a respeito dos surdos da minha comunidade e regiões próximas, me perguntando se havia mais pessoas surdas além daqueles que eu conhecia e, principalmente, como estavam atualmente, além de me perguntar se aqueles estudantes que eu via na escola da cidade tinham aprendido e se ainda usavam a Libras e, nessa direção, como seria o contexto de interpretação para Libras no cenário indígena.

Paralelamente, já durante minha formação como intérprete de Libras, ao estudar sobre a conduta ética deste profissional, uma questão contida no Código de Conduta e Ética da Febrapils³ me chamou a atenção: o item III no Art.10, do Capítulo III - DA RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL, sendo: “*III. Apresentar-se adequadamente com relação à postura e à aparência*” (FEBRAPILS, 2014. p. 4).

Ao ler essa regra, quando se fala *adequadamente*, pensava e penso, do ponto de vista de *quem* ou *o que é adequado*? Esse fato serviu como ponto de partida para a questão problema desta pesquisa, pois gerou outras indagações, tais como: quais os impactos de corpos indígenas ocuparem o lugar da representação de um Tilsp - sendo eu, Luciana, indígena e futura profissional tradutora intérprete de Libras? Quais as escolhas que esse indígena Tilsp faria no momento da tradução, considerando contextos de múltiplas culturas? Quais características estéticas/ visuais e linguística/discursivas poderiam ser observados no ato tradutor de um indígena Tilsp que fazem com que o expectador indígena e não indígena compreenda esse profissional como pessoa indígena? Além disso, o uso dos adornos indígenas poderia interferir em aspectos relacionados à tradução/interpretação para Libras?

Desse modo, nossas discussões e reflexões serão realizadas a partir da análise da atuação de uma equipe de intérpretes-tradutores(as) indígenas em uma exposição cultural sobre povos indígenas, nomeada “*Xingu: Contatos*”, que ocorreu no Museu Instituto Moreira Salles em São

¹ Ao me referir ao curso de formação, usarei a grafia TILSP (em maiúscula) neste trabalho. Quando me referir ao profissional tradutor e intérprete de Libras-Português, usarei a grafia Tilsp (minúsculo).

² Chamamos de parentes uns aos outros (pessoas indígenas), mesmo não sendo da mesma etnia.

³ Disponível em: <https://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Codigo-de-Conduto-e-Etica.pdf>. Acesso 20/05/2024.

Paulo entre os anos de 2022 e 2023. Esses materiais estão em formato de vídeos disponíveis online no site do IMS, na aba da Exposição Xingu: Contatos⁴.

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho foi o de evidenciar a importância da atuação destes intérpretes de Libras, dadas as particularidades da diversidade cultural indígena e a premente questão da representatividade indígena (também) no campo de formação/atuação de profissionais intérpretes de Língua Portuguesa e Libras, buscando fomentar ainda discussões interdisciplinares que versem sobre os aspectos éticos, sociais, linguísticos e culturais nos contextos surdos e indígenas e, mais especificamente, no campo de formação na área da tradução e interpretação de Libras/Língua Portuguesa.

Dessa maneira, defende-se a necessidade de estudos como o aqui proposto, justamente pela existência rica de diversas culturas brasileiras e a necessidade de aproximar a discussão acadêmica entre as culturas surdas e as culturas indígenas. Nessa direção, ainda, consideramos aproximações já pesquisadas, por exemplo, quando se trata de estudos que discutem sobre a Libras e a Língua de Sinais Indígenas (LSI), como por exemplo, as línguas de sinais indígenas *Ka'apor* (Kakumasu, 1968; Ferreira-Brito, 1984) e a língua Terena de sinais (Sumaio, 2014; Fargetti, Soares, 2016; Soares, 2018), referências essas trazidas na pesquisa da Soares, Fargetti, (2022), intitulada “Línguas indígenas de sinais: pesquisas no Brasil”.

2. INTRODUÇÃO

2.1 Diversidade de estudantes Indígenas na UFSCar

Para ser possível entender o contexto desta pesquisa, vale ressaltar a diversidade indígena dentro da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que tem seus cursos distribuídos em quatro cidades no interior paulista, sendo: os campi de São Carlos, Sorocaba, Araras e Buri (campus Lagoa dos Sinos). A diversidade cultural indígena presente nesta universidade se deu pela implantação do Programa de Ações Afirmativas em 2007⁵ e, no ano seguinte, com a chegada dos primeiros estudantes indígenas por meio do vestibular indígena. Nesse sentido, como ressaltam Pankararu-Santos, Kambeba-Souza e Palomino (2021):

A presença de estudantes de diversos povos indígenas em cursos de graduação da UFSCar passa a ser percebida a partir do ano de 2008, quando - como

⁴Disponível em: [Xingu: Contatos \(IMS Paulista\) - Instituto Moreira Salles](#) Acesso em: 03 março de 2024.

⁵Mais informações disponíveis em <https://www.gestao.ufscar.br/pt-br/news/relatorio-de-10-anos-do-programa-de-acoes-afirmativas-destaca-promocao-da-equidade> Acesso em: 14 fev. de 2024.

destacado anteriormente ocorreu o primeiro Vestibular Indígena da Universidade. Amparado nos princípios de autodeclaração de etnia, referendada por lideranças da comunidade indígena a qual o candidato afirmou pertencer, o processo de deferimento das inscrições apresentadas possibilitou selecionar aqueles e aquelas candidatos/as que comprovaram manter vínculo com suas comunidades. Além disso, outras duas condições deveriam ser seguidas: pertencer a um povo indígena do Brasil e ter cursado o ensino médio integralmente em estabelecimento de ensino da rede pública, princípio este que rege toda a reserva de vagas na UFSCar. (Pankararu-Santos, Kambeba-Souza e Palomino, 2021, p. 20).

Atualmente a UFSCar é reconhecida como uma das universidades do Brasil mais rica do ponto de vista pluricultural, ou seja, como considera Souza (2019):

a competência múltipla dos alunos no que diz respeito ao repertório linguístico-cultural a fim de explorar realidades culturais, linguísticas, étnicas, migratórias, minoritárias e raciais; princípios de justiça, igualdade, liberdade, responsabilidade e tolerância; dimensões históricas, econômicas, políticas, estéticas, religiosas, morais e ecológicas, com finalidades de tomar consciência da dignidade humana, respeito à diferença, inclusão, democracia participante e diversidade (Sousa, 2019, p. 6).

Assim, na atualidade estudantes de diferentes povos indígenas, falantes de vários troncos linguísticos e de diferentes regiões do Brasil estão matriculados/as na universidade⁶. Etnias diferentes que, dentre muitas diferenças, identificam-se de um mesmo modo: a do *ser indígena*.

No ano de 2015, não houve o ingresso de estudantes indígenas no então recém criado curso de Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa (TILSP) na UFSCar. Já nos anos posteriores, acontece de no mínimo ter o ingresso de um estudante indígena por ano, e até o momento o curso tem duas estudantes e um estudante formados intérpretes de Libras pelo curso, uma da etnia Terena e outras duas pessoas da etnia Pankararu. Atualmente, oito estudantes indígenas de diferentes etnias e regiões do Brasil estão em formação, sendo três estudantes da etnia Pankararu de Pernambuco, dois estudantes da etnia Kambeba do Amazonas, uma estudante da etnia Kaixana do Amazonas, uma estudante da etnia Atikum de Pernambuco, e uma da etnia Tukano do Amazonas.

Diante dessa pequena diversidade cultural representada por estudantes com diferentes costumes, de diferentes territórios, línguas, crenças, hábitos alimentares, entre outros, é possível perceber que cada um/a desses/as estudantes vem carregando a sua singularidade cultural, logo,

⁶Mais informações estão disponíveis em <https://www.prograd.ufscar.br/estudantes-de-graduacao/povos-indigenas-na-ufscar>. Acesso em: 06 maio de 2024.

devemos presumir que junto a cada estudante indígena chega também neste espaço universitário inúmeros desafios que, segundo Mateus (2024, p.1), “apontam para a necessidade de ruptura das tradicionais estruturas acadêmicas e tensiona cada vez mais, a necessidade de dar respostas às demandas relacionadas a esses alunos”.

É nesse cenário, portanto, que neste trabalho apresentamos especificidades que devem ser levadas em consideração no percurso formativo dos profissionais intérpretes de Libras, considerando a pluralidade ética-estética, linguística e cultural na relação entre contexto indígena(s) e surdo(s), uma vez que “embora o ensino superior venha trabalhando para a construção da interculturalidade, como forma de minimizar as barreiras de acesso para as minorias marginalizadas, nos cursos da área de educação, permanece o predomínio do currículo tradicional” (Mateus, 2024, p. 2), o que também observamos ao pensarmos nos curso da área de Tradução e Interpretação Libras/Língua Portuguesa.

2.2 A atuação de intérpretes e tradutores/as de Libras e a questão da diferença indígena

As lutas e esforços do movimento social surdo - que desde meados da década de 1980 reivindica por seus direitos (Brito, 2016) - contribuíram para o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais no país com a Lei nº 10.436/02 (Brasil, 2002) e o decreto nº 5.626/05 (Brasil, 2005) e também pela promoção de maior inclusão do indivíduo surdo na sociedade por meio do reconhecimento da profissão de tradutor e intérprete de Libras através da Lei nº n 12.319/2010 (Brasil, 2010).

Contudo, na atualidade, muitas questões relacionadas à atuação dos profissionais Tils são tensionadas pelas áreas que se debruçam a estudar e a discutir sobre a profissão. Nesse sentido, por exemplo, Marques (2012, p. 63) questiona em sua pesquisa

[...] até que ponto tal neutralidade [do profissional intérprete] é possível no ato tradutório interpretativo, em especial na atuação do ILS [intérprete de língua de sinais], bem como suas diferenças e semelhanças com a interpretação de línguas orais, e, dessa forma, propor uma reflexão sobre essa atuação e sobre as certezas estabelecidas e impostas a e por esses intérpretes sobre sua postura profissional, no que tange a essa temática, que tem colocado em xeque a dimensão ética e angustiada a muitos dos sujeitos que atuam como tal.

Ao tratarmos da atuação de indígenas intérpretes, desdobramos essas questões também ao que se refere às suas especificidades culturais. Um dos motivos de se trazer em questão esse ponto específico é de que, além das competências tradutórias necessárias para a execução da

atividade de interpretação/tradução Libras/Língua Portuguesa, ao considerarmos questões éticas apontadas pelo Código de Ética do profissional intérprete de Libras (FEBRAPILS), destacamos o capítulo III - da responsabilidade profissional, em seu artigo 10, inciso III, que prevê como uma das atribuições do profissional intérprete de Libras: “apresentar-se adequadamente com relação à postura e à aparência”.

Nesse sentido, ao considerarmos as especificidades culturais indígenas, é preciso pontuar que “[...] pelo artesanato (mas não somente) se realizam trocas culturais tanto nas aldeias quanto nos diferentes ambientes pelos quais os indígenas circulam” (Cunha, 2013, p. 13). Ainda de acordo com Cunha (2013), além do artesanato, adornos e pinturas corporais indígenas têm valor cultural e precisam ser compreendidas como um espaço para a interação e o diálogo entre culturas (Gallois, 2008, p.34, *apud* Cunha, 2013, p. 16). A questão que se desenha, no contexto da atuação de intérpretes de Libras, portanto, é o quanto essas questões culturais são consideradas durante a atuação de intérpretes de Libras indígenas, quanto ao que orienta o documento que baliza eticamente a área no que se refere à aparência e apresentação pessoal.

A esse respeito, Cabello (2020) propõe uma discussão acerca da materialidade do corpo daquele/a profissional que sinaliza, propondo:

reflexões sobre os corpos das/os tradutoras/es intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, em suas múltiplas materialidades, ou seja, também como elemento discursivo que se constitui no/pelo olhar do(s) outro(s), uma vez que, com a emergência de novas produções acadêmicas sobre questões relativas à diferença étnica, ao multiculturalismo e às identidades culturais “as buscas de construção de processos educativos culturalmente referenciados se intensificam” (Oliveira e Candau, 2010, *apud* Cabello, 2020).

A autora questiona em seu trabalho acerca da materialidade dos corpos de intérpretes de Libras que precisam ser vistos, e sobre o tensionamento que pode se instaurar quando outros corpos (que não brancos, heteronormativos, cisgêneros, por exemplo) que até então não “chegavam” até essa área profissional começam a ocupar tais espaços de atuação. De acordo com a autora,

os espaços de formação de tradutoras/es intérpretes de Libras/Língua Portuguesa não têm escapado de classificações de gênero, raciais e étnicas, ao determinar modos de atuação/interpretação pautados em fazeres que não consideram, por exemplo, as especificidades e potencialidades de corpos transgêneros; de corpos indígenas e de negras/os (com suas características culturais, além de diferentes tonalidades de cor de pele e de cabelos); o uso de adereços com representação étnica ou religiosa, por exemplo. Os outros corpos, nesse cenário, parecem ser carregados de modos de fazer “não dignos”

que, para serem “éticos”, “profissionais” e, portanto, legitimados, precisam, minimamente, apagar suas diferenças (Cabello, 2020, p. 46-47).

Nesse contexto, ao nos voltarmos para a diferença indígena, por exemplo, existem duas maneiras de ver o fato dos Indígenas Tilsp usarem por exemplo um *cocar* em volta do pescoço no momento da sua atuação. Uma delas é chamada de estética e a outra de ética estética. Essa diferenciação se dá por não ser quaisquer pessoas que estão usando um cocar, e sim uma pessoa indígena pertencente a uma etnia específica, usando um adorno próprio e confeccionado dentro da sua comunidade. Não é considerado ético uma pessoa não pertencente àquela história usar um cocar Pankararu - o que não significa dizer que é proibido Tilsp não indígenas usarem adornos indígenas, mas sim que é preciso considerar que alguns artefatos são feitos para uso exclusivamente indígena (Cunha, 2013).

Ainda no sentido de discutir sobre o uso de adornos como forma também de identidade, reafirmação e demarcação de espaço e de que essa ação não está desvinculada do indígena Tilsp corpo, Silva (2014) faz uma discussão muito interessante em sua pesquisa sobre “A corporeidade da intérprete de libras na percepção dos sentidos produzida por interlocutores surdos” ressaltando que, o corpo não existe por existir sem significados pois ele é composto de sentidos. De acordo com a autora, “*o corpo é experiência vivida, fruto de intermináveis e sucessivas leituras e releituras de todas as percepções que perpassam as nossas narrativas de vida.*” (Silva, 2014, p. 127). A autora afirma ainda que a compreensão do corpo do intérprete vai além de um portador de sinais, sejam eles manuais não-manuais, expressivos, interativos e etc., com a pessoa surda.

Diante dessas reflexões em relação ao corpo do profissional intérprete, chamo atenção mais uma vez para além do corpo do profissional indígena intérprete quando, por exemplo, no momento da sua atuação de interpretação/tradução, ele opta por usar um acessório em seu corpo (adorno, ornamento, artesanatos, artefato, arte indígena). Sabemos que o fato de se ter um profissional com essa identidade cultural neste lugar, que também representa grandes ganhos históricos no país, já significa um considerável avanço. Mas, quando este profissional indígena intérprete acrescenta um artefato cultural que representa sua etnia e que carrega junto vários outros significados estético-culturais - tornando assim mais evidente sua identidade cultural, sua reafirmação étnica e, conseqüentemente, sua atuação enquanto um profissional indígena intérprete de Libras - fica tensionada, por exemplo, as orientações próprias que conduzem uma atuação dita “ética” do profissional intérprete de Libras como as de “*apresentar-se adequadamente*” (como citado acima).

2.3 Competência Tradutória dos Indígenas Tilsp

Na nossa formação estudamos e precisamos aprender várias nuances que esta profissão de TILSP requer para que possamos realizar uma boa tradução/interpretação. Essa discussão foi levantada por pesquisadores criando modelos de competências tradutórias, como os autores citados no trabalho de Rodrigues (2018): Gonçalves (2005), Alves, Gonçalves (2007). Dentre várias nomeações e definições levantadas pelos autores citados por Rodrigues (2018), chama a atenção que a competência tradutória é além de tudo uma *expertise*:

Portanto, a competência tradutória “é claramente vista como uma expertise complexa em várias áreas: essas incluirão, pelo menos, conhecimento de línguas, conhecimento de culturas e conhecimento de domínio específico” (SCHÄFFNER; ADAB, 2000, p. 9, *apud* RODRIGUES, 2018, p. 290).

Rodrigues (2018), em seu trabalho demonstra um panorama dos pesquisadores que abordam as competências tradutórias, selecionando alguns dos modelos conhecidos na academia em relação aos estudos de tradução, sendo Bell (1991); Hatim, Mason (1997); Neubert (2000); Kelly (2002); Pacte, (2003); Gonçalves (2005); Alves, Gonçalves (2007). Rodrigues (2018), vai fazer um panorama por cada modelo de competência de cada autor explicando que grande parte desses modelos no contexto europeu são baseadas em perspectivas diferenciadas e que também o foco é mapear o que constitui a complexa função que é a tradução, porém o caso aqui é ressaltar o que Rodrigues (2018) destaca, sobre o que o tradutor necessita ter e ou saber: “*em termos do que seria necessário ao tradutor/intérprete saber (knowing what or knowing that) e saber-fazer (knowing how), por exemplo, para realizá-lo de forma adequada e bem-sucedida.*” (Rodrigues, 2018, p. 292).

No que se refere à tradução de línguas orais e visuais-gestuais, a complexidade do processo é acentuada por envolver, além dos processos tradutórios esperados entre línguas orais, modalidades linguísticas diferentes - uma modalidade oral-auditiva e uma modalidade visual-gestual.

Por este motivo, ressalto o aspecto psíquico envolvido na competência tradutória que profissionais da área da tradução e interpretação entre línguas orais e gestuais precisam lançar mão, como Marcon (2012) acentua, no que se refere à importância de os Tilsp terem uma boa Competência Referencial:

... verifica-se uma possibilidade da construção de conceitos por meio das referências do intérprete, em que ele buscou em seu referencial escolhas

linguística para sanar um ruído conceitual apresentado pelo surdo, isto é, nesse caso, o surdo não possui em seu sistema referencial e linguístico conhecimento sobre o assunto tratado pelo professor, assim dificultando sua compreensão sobre o mesmo (MARCON, 2012, p. 243).

Este trecho é parte do estudo da Marcon (2012) no qual ela ainda indica a importância de os Tilsps terem referências para sanar ruídos conceituais, sejam eles apresentados pelo surdo, que não possui em seu sistema referencial e linguístico conhecimentos sobre um determinado assunto; como também em meio a sua equipe que pode não ter conhecimentos suficientes sobre alguma temática. A autora ainda afirma que é a partir da interação referencial do intérprete que o surdo passa a definir um conceito de palavras. Sendo assim, julga-se que um indígena Tilsps possui competências referenciais, por ter conhecimentos, proximidade, familiaridade cultural, assuntos, espaço ou atividade que ele mesmo participa, logo, subentende-se que esse profissional possui a competência referencial, uma competência que favorece positivamente no resultado da tradução/interpretação.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica e documental de cunho qualitativo. O processo a ser percorrido será de uma análise de conteúdo tendo como instrumento o formato vídeo. Segundo Gil (2002), uma pesquisa é definida como qualitativa a depender de alguns fatores como:

a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (Gil, 2002, p.133).

Quanto à análise de conteúdo como recurso metodológico, Bardin, s.d. apud Gil (2002), vai orientar que a análise de conteúdo se desenvolve em três fases sendo:

A primeira é a pré-análise, onde se procede à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. A segunda é a exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. A terceira etapa, por fim, é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados. (Bardin, s.d. apud Gil, 2002, p. 89).

Entendido esse processo metodológico, apresento a seguir o material analisado para, em seguida, detalhar as etapas das análises, conforme proposto por Bardin.

3.1 Caracterização do material consultado

O Instituto Moreira Salles (IMS) foi criado no ano de 1980, sendo uma entidade civil sem fins lucrativos, possuindo o principal objetivo de promover programas culturais nas áreas de fotografias, de literatura, de cinema, de artes plásticas e da música brasileira. Esse espaço existe na cidade de São Paulo e está localizado na Avenida Paulista. Também existem unidades do IMS na cidade de Poços de Caldas (MG) e também na cidade do Rio de Janeiro. Os três pontos turísticos foram construídos nessas cidades escolhidas pela sucessão da família Salles, sendo os irmãos Pedro, Fernando, Walther e João Moreira Salles, filhos do banqueiro Walther Moreira Salles, acionistas do Itaú Unibanco e controladores da CBMM, responsável por mais de 80% do nióbio de ferro produzido no mundo. João e Walther também são cineastas e mantêm em São Paulo o Instituto Moreira Salles⁷.

Em relação a exposição “Xingu: Contatos” em cartaz no IMS Paulista foi aberta ao público no dia cinco de janeiro de 2022 e encerrada para visitação presencial no dia nove de abril de 2023. Além da possibilidade de visitação presencial estava acontecendo e ainda é possível visitar essa exposição de forma online⁸.

A exposição propõe um diálogo entre fotografias, filmes, grafismos, narrativas orais, itens de arquivos públicos e particulares, sendo que esta exposição teve grande importância por ser um passo que marcou o início de um processo de requalificação das imagens, tendo a colaboração de pesquisadores e lideranças indígenas, contribuindo com o processo de identificação de pessoas, locais e de situações retratadas. Todo este trabalho teve como responsável pela curadoria Guilherme Freitas, que fala que não teria sentido se a exposição fosse montada apenas com o material que já estava no IMS, pois os materiais existentes expressavam o ponto de vista de pessoas externas não indígenas. Por esse motivo o indígena Takumã Kuikuro foi convidado para realizar trabalhos com novas fotografias e também cuidar do audiovisual indígena contemporâneo.

⁷ Informação disponível no site Splash UOL. Disponível em: https://www.google.com/search?q=quem+foi+a+familia+salles+no+brasil&oq=quem+foi+a+familia+salles&gs_lcrp=egzjahjvbwuqbwgbeceyoaeybggaeuyotihcaequirigatihcaiqrifbtihcamqirifbtihcaqqirifbtihcauqirifbtihcayqirifbtihcacqirifbtihcagqirifbtihcakqirifbdibctewmjm4ajbqn6gcclacaq&sourceid=chrome&ie=utf-8. Acesso: 17 set. de 2024.

⁸ Disponível em: https://ims.com.br/exposicao/xingu-contatos_ims-paulista/. Acesso em: 22 ago. de 2023.

Chamo a atenção para a equipe de cineastas indígenas que também contribuiu muito com as produções audiovisuais da Exposição *Xingu: Contatos*. Além de Takumã Kuikuro, Karané Ikpeng (cineasta) Jair Kuikuro (coletivo Kuikuro de Cinema), Kamatxi Ikpeng (cineasta), Divino Tserewahú (cineasta), Yamalui Kuikuro (colaborador/pesquisador), Watatakalu Yawalapiti (colaboradora da exposição), Kamikia Kisêdjê (fotógrafo e cineasta), Piratá Waura (cineasta), Denilson Baniwa (artista), Jurandir Siridiwê Xavante (colaborador da exposição), Kujãesage Kaiabi (cineasta, comunicadora indígena). Esses são nomes de alguns parentes indígenas que realizaram grandes e significativos trabalhos e mais informações sobre suas participações na elaboração da exposição podem ser encontradas em seus depoimentos em vídeo, que também estão disponíveis no site da exposição.

Atualmente, a exposição online *Xingu: Contatos*⁹ está disponível no site do IMS como citado anteriormente, escolhi descrever o caminho metodológico adotado seguindo a orientação e sequência proposta por Bardin s.d. (apud Gil, 2002), para a análise do conteúdo dos vídeos. Sendo assim, a primeira etapa (pré-análise) foi realizada no momento em que assisti todos vídeos traduzidos do português oral para a Libras por três indígenas intérpretes. Compondo a exposição, existem sete vídeos com a janela de Libras na galeria da exposição. Um deles é a apresentação pessoal de um dos intérpretes de Libras, quatro vídeos são de uma intérprete atuando na tradução, um vídeo com outra intérprete atuando na tradução e mais um vídeo com um intérprete também atuando na tradução, por este motivo decidi usar um vídeo de cada intérprete para realizar as análises tradutórias interpretativas.

A segunda etapa é a exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. Para a realização desse procedimento, foi utilizado o *print screen* de trechos retirados dos vídeos selecionados e disponíveis no site da exposição. Paula (2016, p.10), parte do pressuposto que a captura de tela do computador pode ser considerada uma variação de fotografias retiradas por máquinas fotográfica e fala que “*O gesto de “fotografar” a tela do computador por meio de um comando como o print screen tornou-se uma prática comum e frequente na vida cotidiana.*” (PAULA, 2016, p. 11).

Em meio às várias explicações da autora para falar sobre seu percurso metodológico na sua pesquisa, pude observar que foi falado diversas maneiras, como software, programas, meios de atalhos que possibilitam tirar print screen da tela do computador. Porém para este trabalho será usado o recurso do print diretamente na tela do celular, pois foi percebida que no momento

⁹ Disponível em: https://ims.com.br/exposicao/xingu-contatos_ims-paulista/. Acesso em: 13 de jul. de 2024.

da pausa do vídeo para realizar este recurso, as fotos ficam mais autênticas, nítidas e com boa qualidade.

A terceira etapa, por fim, é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados, sendo assim, será observado atentamente dois aspectos: um, relacionado aos aspectos visuais e estéticos (roupa, acessório, corpo, cor de cabelo, olhos, boca, pele) e o outro relacionado aos aspectos linguísticos (escolha de léxico, expressões não-manuais).

3.2 Perfil dos Indígenas profissionais Tilsp

Como já apresentado existe uma diversidade estudantil indígena considerável na UFSCar, e mesmo no curso de TILSP com menos de dez anos na universidade, já está sendo possível acompanhar o avanço e representatividade que está se ganhando nesse espaço de tempo.

Na UFSCar, nós, estudantes indígenas temos políticas que desde os primeiros estudantes que aqui chegaram instalaram e a cada ano essas políticas vão sendo ajustadas, muitas vezes naturalmente e em algumas vezes de acordo as necessidades surgidas em meio a academia. Por exemplo, a semana de integração ou acolhimento, sendo o período que os novos estudantes chegam na universidade e os veteranos têm a responsabilidade de preparar todo um cronograma de atividades para inserir os recém chegados, apresentando o campus da UFSCar, departamentos de cursos, departamento estudantil, questões institucionais e organização interna dentro do coletivo indígena, segue um trecho elaborado por estudantes indígenas em parceria com professores, se tratando de um capítulo de um livro idealizado pelo Pet Conexões e Saberes Indígenas¹⁰, pois elucida melhor o que estou tentando passar para reflexão dos leitores:

As experiências de acolhimento no momento da chegada dos estudantes indígenas nunca foram fáceis para todos os envolvidos, seja para os indígenas que estão chegando, seja para os profissionais que os recebem. Para além da alegria e motivação pelo ingresso na Universidade, há muitas dificuldades e incertezas desde a saída de suas comunidades, os indígenas sentem-se inseguros e pouco amparados, tendo em vista a distância física e as incertezas que devem enfrentar para chegar ao campus exato em que farão sua formação. Por exemplo, os transportes, os trajetos, as vestimentas adequadas ao clima local, a alimentação durante o percurso, a habilidade de uso dos aportes tecnológicos para sinalizar tal percurso, o local exato a se reportar, pessoas a quem possam se reportar durante a viagem até o destino final. Enfim, são inúmeros detalhes não previstos pelas instituições universitárias que fazem da chegada desses estudantes uma situação insegura, incômoda e muitas vezes traumática. (Gonçalves *et. al*, 2021, p. 63).

¹⁰ Projeto de Educação Tutorial -PET Conexões e Saberes Indígenas (Projeto do Ministério da Educação).

Diante desse relato, podemos entender o porquê da proximidade do coletivo indígena logo sabemos os nomes, etnias, cursos, e de onde estão vindo, ficamos sabendo sobre a sua região, cidade, comunidade indígena, alguns costumes culturais e também se é família de alguém que já está na UFSCar ou se é parente de alguém que já formou ou já passou pela universidade. Na realidade passamos a ser família desses estudantes de forma que a cada ano esse ciclo se repete. Sendo assim, depois de perceber que houve uma lacuna no site do IMS/Exposição Xingu: Contatos, vou apresentar aqui meus colegas de curso que também são meus parentes indígenas e amigos.

Vitória Manoela de Oliveira Melo tendo 23 anos de idade (ano da tradução), é indígena da etnia Pankararu, natural da aldeia Brejo dos Padres, município de Tacaratu-PE. Iniciou a graduação no ano de 2017 no curso TILSP e finalizou em 2022. Já o Bruno Henrique da Silva com 24 anos de idade (ano da tradução), é indígena da etnia Pankararu, natural da aldeia Brejo dos Padres, município de Tacaratu-PE. Iniciou a graduação no ano de 2016 no curso TILSP e finalizou em 2022 e a Marta Marubo Comapa de 24 anos de idade (ano da tradução), é indígena da etnia Marubo natural de Atalaia do Norte-AM. Iniciou o curso TILSP em 2016, fez intercâmbio para a cidade de Córdoba na Espanha em 2019, e ficou no curso até o ano de 2021. Esses são os indígenas tradutores intérpretes de Libras que atuaram na exposição *Xingu: Contatos*.

3.3 Materiais Analisados

A seguir será descrita a forma como foram organizados e selecionados os vídeos analisados neste trabalho. Como são vários vídeos espalhados nos dois pisos no IMS e que tem as janelas de Libras em que aparecem os intérpretes indígenas, optei por usar três vídeos, sendo um vídeo de cada intérprete e que se encontram no piso um do IMS. Ao entrar no site da Exposição *Xingu: Contatos*, a primeira página apresenta uma imagem com a seguinte legenda: “Aldeia Khĩkatxi do povo Khisêtje durante queimada provocada por não indígenas no entorno da Terra Indígena Wawi”, e logo abaixo do texto, após a imagem, são apresentadas subseções que permitem a navegação: Audiodescrição, Itinerário da Exposição, Tour Virtual, Espaço de Convivência, Sobre a Exposição, Seleção de Obras e várias outras. Porém chamo atenção aqui especificamente para a sessão “Tour Virtual”, que logo ao clicar dando play na janela abrirá uma imagem dando a visualidade dos 2 andares, mas logo você é levado para a exposição do piso 1, tendo um ícone no canto inferior esquerdo te dando as possibilidades de clicar e visitar

os vários espaços da exposição, de ver a planta completa dos pisos e selecionar o piso que desejar visitar. Se a visitação for por o uso de computador com o mouse é possível você transitar em todo o espaço, clicar para abrir fotos, para ouvir a audiodescrição (onde tiver os ícones de fone) e assistir as janelas de Libras que estão do lado dos vídeos, sendo destacados além da janela com os ícones de câmeras e usando o celular não será diferente. Já apresentado o espaço, vou descrever os vídeos selecionados para análise.

O primeiro é o vídeo "Kuikuro de Cinema", que tem a Tilsp Vitória Pankararu fazendo a interpretação na modalidade português oral para a Libras¹¹. Este é um vídeo de 1min13s que retrata indígenas dando seus depoimentos em relação aos benefícios que foram alcançados com a chegada de câmeras, celulares e internet nas aldeias Xinguanas. O segundo vídeo é o do "Divino Tserewahu" e a intérprete que atua foi a Marta Marubo. Em 44s o Divino indígena Xavante fala sobre sua experiência de trabalhar como cineasta. O terceiro vídeo analisado é o "Kamatxi Ikpeng" com o tempo de 1min07, com a tradução do Tilsp Bruno Pankararu. Neste vídeo uma liderança indígena fala sobre a sua intenção de pedir uma câmera para os jovens da sua comunidade e o trabalho em parceria com o instituto Catitu.

Como estratégia de análise, iniciarei com imagens printadas de cada momento do uso do sinal em Libras, no minuto, e também destacarei a frase do discurso o qual será comentado. O primeiro é o vídeo "Kuikuro de Cinema", que tem a Tilsp Vitória Pankararu. O vídeo aborda a questão da importância de se ter internet e câmeras em meio a comunidade, sendo uma maneira que esses indígenas encontraram para militarem e protegerem a sua comunidade de fazendeiros e nuances governamentais.

Neste vídeo, pude observar especificamente a questão da escolha interpretativa, no uso do sinal escolhido para a tradução das palavras "*tradição*" ou "*tradicional*" do português oral para a Libras, para fazer referência às palavras "manifestações" - que para os povos indígenas podem estar fazendo menção tanto às festividades culturais, como também à movimentos políticos. Destacamos o uso deste sinal pelo fato de não ter sido usado sinais complementares ao sinal escolhido para referenciar as "manifestações", na frase ou até mesmo escolher usar outro sinal que fizesse referência à "militância/movimento", "evento/festividade cultural" ou até mesmo "ancestralidade", uma vez que o sinal escolhido foi o que geralmente na Libras é usado para fazer menção a palavra "tradicional/ tradição" que na língua portuguesa escrita ou oral, tem um significado de ato ou efeito de transmitir seja em relação a comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes, etc. Para exemplificar, penso numa tradução do português

¹¹ Todos os vídeos analisados neste trabalho são na direção do português oral para a Libras.

oral para a Libras em que o discurso seja sobre uma tradição como o “casamento”, por exemplo, e essa “tradição” é interpretada como “casar de vestido branco, véu e grinalda, faz parte da tradição da família”. Nesse sentido, penso se cabe ser usado o sinal de “tradição/tradicional” pois é algo que parece já estar, de certo modo, “colonizado”, no sentido de remeter a uma tradição branca/ocidental. Porém, na Libras e em relação a cultura ou costume indígena, ressalto a opção de uma escolha mais específica com a particularidade indígena, como exemplo, sinais como “festividades culturais” se relacionado às manifestações/rituais culturais, ou “costumes ancestrais” se relacionado a falas sobre “tradições”.

Figura 1: Prints do vídeo “Kuikuro de Cinema”, disponível no site do IMS.

Imagem A

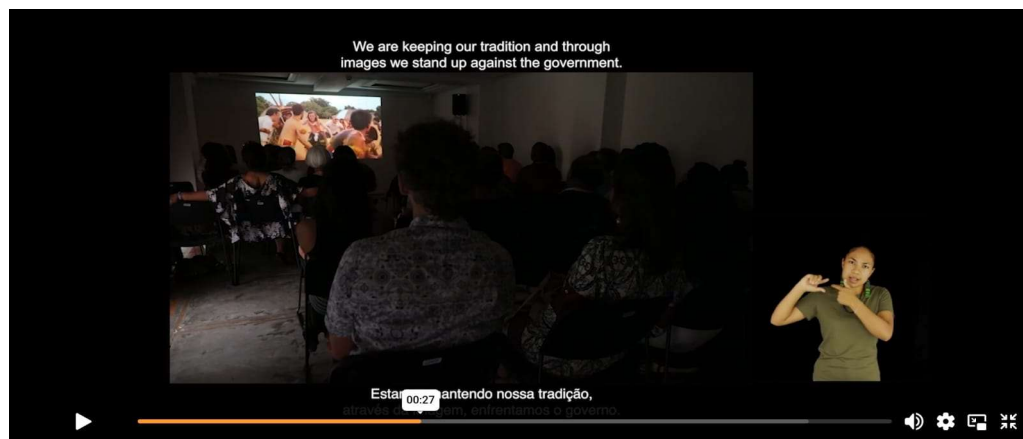


Imagem B



Imagem C



Em nossa análise, em relação aos aspectos linguísticos, na **imagem A** o print retirado é do momento de 19s do vídeo, em que o narrador indígena fala: *“Ele pode ver nossas manifestações através da imagem”* (texto que aparece na legenda em Português).

Como neste contexto aparentemente *está* sendo falado de movimento ou manifestação (luta) política - pois neste momento no vídeo é passado várias pessoas numa sala, parecida com a de um mini cinema onde está sendo exibido vídeo e nele aparece indígenas de pé com os braços encruzados como se fosse o registro de um momento em que estavam em discussão por algum motivo ou por algo - uma sugestão seria fazer a sinalização da seguinte forma:

“Eles (governo) podem ver imagem nós “manifestação/luta”.

Na **imagem B**, no momento que o vídeo registra 27s, é falado: *“Estamos mantendo nossa tradição através da imagem, enfrentamos o governo”*. (Forma escrita da legenda)

No trecho destacado estão falando sobre suas danças e cantos como rituais sagrados, que costumam preservar e que frequentemente são praticados. Quando trazem essas considerações, acentuam o discurso e o caracterizam como forma de militância, uma vez que afirmam que as ferramentas digitais são usadas para agregar às suas lutas, e que por meio de imagens divulgadas e enviadas para as autoridades do Estado difundem como é a convivência harmoniosa desta comunidade, cuidando e preservando principalmente a natureza e seu entorno, já que muitas vezes o Estado não atende as demandas indigenistas pacificamente. Mas sem dúvidas o meio mais rápido de chegar algo a um destinatário nos tempos atuais é o meio digital online, e por isso este povo propositalmente fala que enfrentam o governo por meio de imagens e vídeos da sua comunidade, sua terra, sua vivência. Sendo assim sugiro usar a sinalização:

“Estamos mantendo nossas “festividades culturais” ou “rituais” através da imagem, enfrentamos o governo”.

Já na **imagem C** no momento 1min3s, é dita a seguinte frase: *“Também sempre filmamos a nossa tradição, nossas tradições”*. (Forma escrita da legenda).

Nesta frase, mais uma vez, segue o contexto da segunda imagem, pois é exibido no vídeo um ritual cultural Xinguano, sendo rituais que reafirmam a identidade deste povo e que mantém o povo étnico vivo. Penso que neste contexto segue a frase trocando o sentido de tradição por rituais ou festividade cultural:

“Também sempre filmamos a nossa “festividades culturais”/nossos “rituais”.

O segundo vídeo a ser analisado foi o *“Divino Tserewahu”*, tendo como Tilsp a indígena Marta Marubo, interpretando um vídeo de 44s. O indígena Divino da Etnia Xavante deixa seu

recado em relação ao trabalho com o uso da tecnologia que desenvolve em meio a sua comunidade e também demonstrando a sua satisfação em estar em constante aprendizagem. Uma observação a fazer em relação a interpretação para a Libras neste pequeno vídeo, seria o de já se ter a janela de Libras desde a dança da etnia Xavante, logo no início do vídeo, pois pensando na pessoa surda, é importante que consigamos lançar mão de estratégias tradutórias que contemplem a emoção que sentimos ao ouvir um canto e dança de uma etnia indígena. Formas de fazer isso poderiam ser, por exemplo, usar a expressão corporal e facial para demonstrar a sensação com impulso e movimento do corpo, e também fazendo o movimento com a boca com o rosto bastante concentrado e focado naquele momento. Segue os prints do momento da dança dos Xavantes e também de um trecho da fala do Divino.

Figura 2: Prints do vídeo “Divino Tserewahu”, disponível no site do IMS.

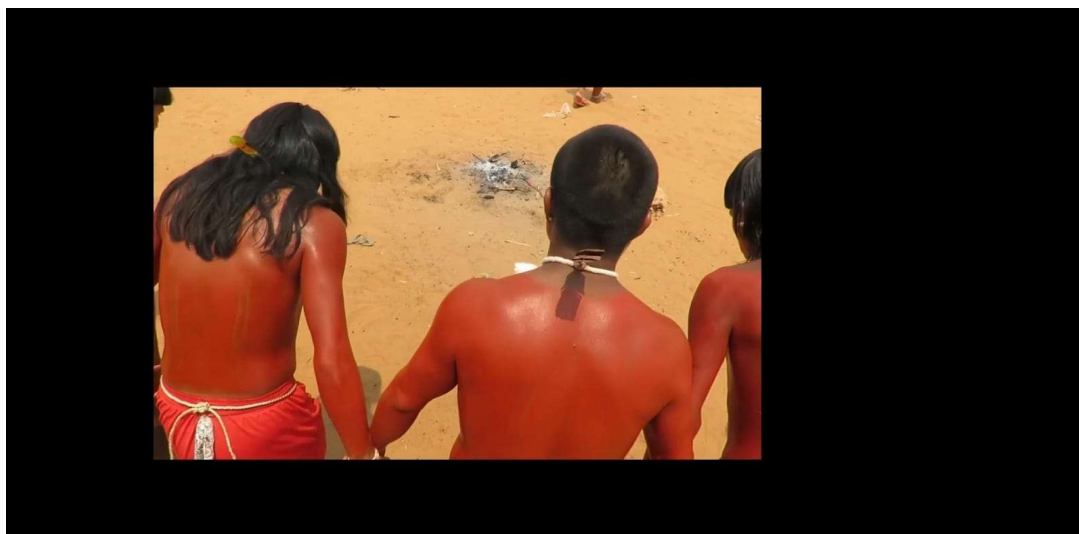


Imagem A



Imagem B

Fonte: https://ims.com.br/tour-virtual-exposicao-xingu-contatos_ims-paulista/

Acima, a **imagem A** retrata os Xavantes fazendo a dança cultural de sua etnia, em que participam somente homens trajados, pintados e cantando um canto que assemelha um grito de guerra. Costumam dançar em círculo e, como característica cultural, a maioria dos rituais sagrados indígenas duram horas e horas do dia, cada um tendo seus significados.

Por fim, o vídeo analisado foi o “*Kamatxi Ikpeng*”, um vídeo de 1min7s, onde o indígena Bruno Pankararu faz a tradução para a Libras. O vídeo retrata um ancião da comunidade que fala sobre sua iniciativa de pedir que seus parentes mais jovens aprendam a manusear as câmeras e a registrar suas tradições culturais. Este é um vídeo em que o ancião fala puramente na sua língua materna, por isso, se faz importante a legenda e a janela de Libras para que os demais telespectadores entendam o que está sendo falado (também na língua portuguesa). Num segundo momento, um jovem indígena fala sobre a necessidade de se ter um espaço em que pudessem guardar materiais e registros, ou seja, um espaço em que eles possam se organizar e ter acesso como comunidade, sendo na verdade um centro de formação. Posteriormente esse centro foi conquistado com apoio da instituição Catitu.

Em relação à análise deste vídeo, as escolhas tradutórias - descritivas, com poucas omissões e com a presença de classificadores¹² - foram consideradas adequadas por contemplarem aspectos visuais importantes para a compreensão do discurso apresentado na narrativa oral pela pessoa surda.

¹² Os classificadores (CL) são meios pelos quais, substituindo o nome do objeto ou sujeito, podem vir junto com o verbo para classificar os mesmos, estes, estando ligados à ação do verbo. Brito (1995), afirma que os classificadores funcionam como partes dos verbos de movimento ou localização. O classificador, então, é utilizado como sendo a referência, ou seja, uma representação do indivíduo ou de um objeto.

Figura 3: Print retirada do vídeo “Kamatxi Ikpeng” disponível no site do IMS.



Imagem A



Imagem-B



Imagem-C

A **imagem A** retrata o ancião Kamatxi falando sobre a sua intenção de pedido dos aparatos tecnológicos para os jovens da sua comunidade. O intérprete está sinalizando: *“câmeras, complementando com o movimento do corpo e cabeça e olha fixo, passando a mensagem que aquela câmera serve para registrar (documentar) a cultura Xinguana”*.

Já a **imagem B** se refere ao momento em que o ancião está falando da intenção de fazer com que a sua cultura e realidade fossem conhecidas pelas pessoas não indígenas. No momento em que o intérprete está aparecendo na janela e sinaliza o que pode ser: *festa, festividades*.

Ele usa o sinal que na Libras, pode ser usado para “festa” e que no contexto indígena também faz sentido usá-lo, porém como já mencionado, interessante seria o complemento com mais outro sinal, por exemplo, “festa + cultura” para um momento de ritual particular que eles consideram importantíssimo para filmar e para divulgar também.

Sobre a **imagem C**, destaquei o print do momento em que um jovem indígena falava sobre a necessidade de ter uma casa para poderem guardar de forma organizada todos os conteúdos que estavam produzindo, servindo também para guardar os materiais que usavam para as produções. Um ponto em que chama atenção e que já foi comentado em relação aos classificadores usados, complementando o sinal de casa, sendo a legenda da imagem: *“...de ter um lugar na aldeia para abrigar as imagens produzidas pelos cineastas...”*

A imagem é especificamente do momento em que o intérprete paralisa a mão não dominante continuando com o sinal de casa e com a mão dominante pega os aparatos e guarda dentro da casa, como as imagens, por exemplo, ficando uma sinalização bem visual e compreensível.

É possível perceber, a partir dos vídeos e das imagens selecionadas para as análises, que a depender do conteúdo que será retratado no discurso, existirá mais ou menos complexidade quando se trata da temática indígena. Importante destacar, ainda, que as análises apresentadas aqui foram feitas partindo de uma visão de uma pesquisadora indígena da etnia Pankararu; logo, é possível considerar que se as análises fossem realizadas por uma perspectiva étnica diferente, poderiam trazer outras acepções ao que foi aqui destacado.

4. DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos recortes dos vídeos apresentados e analisados, a pesquisa pretendeu problematizar algumas escolhas tradutórias e a atuação de intérpretes indígenas em contexto de tradução na temática indígena. Tomando como objeto de análise o trabalho de acessibilidade realizado com a tradução para a Libras da exposição *“Xingu: Contatos”*, exibida pelo Instituto

Moreira Salles (SP), o trabalho pretendeu explorar as especificidades da atuação de três indígenas intérpretes de Libras, buscando salientar como os corpos indígenas podem/ocupam os espaços de interpretação para a Libras de forma a legitimar as informações trazidas pelos vídeos, ao considerar questões como a competência referencial/conhecimentos prévios destes profissionais (no que diz respeito às questões linguísticas, culturais, identitárias indígenas, por exemplo).

Como uma das propostas deste trabalho foi identificar os aspectos visuais que estão relacionados às escolhas tradutórias para a Libras considerando aspectos estéticos e ético-estéticos, percebemos que o ato da escolha por usar adornos indígenas que carregam significados culturais, história, fé, entre outros (a depender da etnia), simboliza identidade e vai além de uma questão de estética (aparência). Entendendo a relação ética/estética de acordo com Nauroski (2024), compreende-se que “a ética ajuda a desenvolver o respeito e a solidariedade humana. Já a estética diz respeito à capacidade humana para perceber a beleza que existe no mundo”¹³. Nesse sentido, compreende-se que quando intérpretes de Libras ocupam espaços profissionais como o aqui apresentado, é possível perceber uma demarcação do espaço, mostrando a presença indígena na área de conhecimento, científico e profissional, evidenciando que a comunidade indígena está presente e pode ocupar a área de atuação profissional de interpretação Libras/Língua Portuguesa, na relação com as muitas lutas históricas da comunidade surda em busca da garantia de seus direitos linguísticos.

No que diz respeito às questões anteriormente apresentadas e problematizadas sobre a “aparência adequada” proposta pelo Código de Ética do profissional intérprete de Libras, proponho a discussão sobre a identificação proposital de profissionais intérpretes indígenas: ressalvo a importância para diferentes grupos étnicos de usarem adornos étnicos de seu povo e problematizo a questão de que, nesses casos, o uso de roupas pretas ou mesmo a inibição do uso de adornos (como o cocar, citado anteriormente), poder ser um vestígio colonizador que vem se perpetuando sem muitas discussões a respeito no campo de formação de intérpretes de Libras (indígenas e não-indígenas).

E, no que diz respeito às escolhas tradutórias e às marcas étnicas que podem ainda ser percebidas com a atuação de profissionais indígenas, acredito que algumas formas de identificação de parentes Tilsp seria por meio da sinalização e de escolhas tradutórias quando o serviço prestado tiver relação com a temática indígena. Nesse sentido, quanto aos vídeos analisados, o vocabulário presente nos discursos (seja na língua portuguesa oral, na Libras ou

¹³ Disponível em; <https://www.uninter.com/noticias/a-etica-e-a-estetica-na-formacao-do-bom-educador>. Acesso em: 05 fev. 2024.

na língua materna indígena) evidencia a necessidade de que o profissional intérprete, além de competência tradutória (escolhas lexicais mais adequadas) tenha também competência referencial, ou seja, esteja minimamente inserido no contexto cultural que está sendo abordado no material/discursivo a ser interpretado, uma vez que o desconhecimento completo de contextos indígenas - seja em questões linguísticas, sociais ou culturais - podem levar a escolhas equivocadas e a uma interpretação que compromete o discurso quando vertido para a Libras por um intérprete que seja não-indígena, por exemplo.

Nesse sentido, destacamos alguns aspectos que poderiam ser considerados (como sugestões de mudanças) na escolha de sinais, complementos de sinais, uso de classificadores e ou expressões corporais em alguns momentos na tradução na análise do vídeo da figura 2.

Cumpramos destacar que a identificação de profissionais indígenas apenas baseada em fenótipos - como cor da pele, cor e tipo de cabelo, formato dos olhos - pode ser um problema, uma vez que no caso dos materiais analisados, podemos observar que há três perfis nos vídeos: um deles possui o estereótipo de uma indígena que poderíamos pensar ser natural tanto da região norte como também do centro-oeste, já os outros dois indígenas poderíamos pensar que fossem natural tanto da região nordeste, como sudeste, sul etc., porém mesmo identificando uma suposta região ainda assim, é preciso considerar a pluralidade étnica quando falamos sobre as questões indígenas. Por isso, o uso de uma pulseira, um grafismo pintado no corpo, um cocar em volta dos ombros, um colar ou brinco - mínimo que seja - são maneiras significativas de identificar os diferentes povos indígenas, reafirmação e apresentando as especificidades étnicas daquele profissional atuando como Tísp.

Por fim, ao apresentar e discutir a atuação de indígenas intérpretes de Libras em contextos nos quais as questões étnico-culturais indígenas são abordadas, defende-se que a atuação destes profissionais é fundamental para garantir a acessibilidade às pessoas surdas ao contexto sociocultural indígena brasileiro, compreendendo as singularidades linguísticas, sociais e culturais de ambas as comunidades (surdas e indígenas). Desse modo, a partir da análise da atuação de três profissionais indígenas na exposição “Xingu: Contatos”, realizada pelo Instituto Moreira Salles em São Paulo entre os anos de 2022 e 2023, evidenciamos a importância da atuação destes intérpretes de Libras, dadas as particularidades da diversidade cultural indígena e a premente questão da representatividade indígena (também) no campo de formação/atuação de profissionais intérpretes de Língua Portuguesa e Libras, destacando a atuação de pessoas indígenas em espaços culturais importantes perante a sociedade, sendo essa também uma maneira de ressignificar as causas e lutas tanto da comunidade e culturas surdas, quanto as lutas das culturas indígenas, e no momento em que é possível vermos essas culturas

“conversando” de maneira igualitária em espaços antes ocupados por “outros” (não indígenas/ouvintes), é perceptível a sensação de realizações.

Uma realização que talvez em momentos históricos passados fosse desacreditada, mas acreditada pelos ancestrais indígenas e surdos também, pois foram sem dúvidas por meio de vitórias de lutas travadas a décadas atrás que atualmente vemos pessoas indígenas e surdas ocupando cada vez mais espaços sociais, existindo e resistindo. É nesse sentido que a proposta deste trabalho foi o de mostrar profissionais indígenas Tilsp usando seus adereços culturais no momento da tradução e interpretação para a Libras, sendo a forma possível de “gritar”, no sentido de mostrar que, naquele espaço profissional, tem um Tilsp indígena interpretando - na posição de um profissional graduado, porém antes desse título institucional perante a sociedade cada um deles tem o seu próprio título reconhecido por eles mesmos e pela sua comunidade indígena.

Assim, espera-se com este estudo termos apresentado algumas reflexões que nos permitam considerar as particularidades da diversidade cultural indígena e no que essa diversidade pode reverberar na área da tradução e interpretação de/para Libras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Fábio; GONÇALVES, José Luiz Vila Real. Modelling translator's competence: relevance and expertise under scrutiny. In: Y. Gambier; M. Schelensiger; R. Stolze (eds.). **Translation studies: doubts and directions**. (Selected contributions from the IV EST Congress). Amsterdam: John Benjamins, 2007.

BELL, Roger Thomas. **Translation and Translating**. London/New York: Longman, 1991.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 25 de maio de 2024.

BRASIL. Lei Nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Presidência da República Casa Civil Subchefia Para Assuntos Jurídicos**. 2005. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/566431>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

BRITO, Fábio Bezerra. **O movimento surdo no Brasil: a busca por direitos**. Journal of Research in Special Educational Needs. Volume 16, n. s1, p. 766-769, 2016.

CABELLO, Janaina. **Por uma formação decolonial no campo da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa**. Fluxo Contínuo, Revista Contemporânea de Educação, v. 15, n. 34, p. 1 - 20, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/36219/pdf>. Acesso em: 09 maio de 2024.

CERANTOLA, Giovana Teixeira de Mendonça. **A atuação do intérprete de Libras: um estudo situacional sobre microexpressões faciais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos–UFSCar, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12775>. Acesso em: 21 ago. 2023.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **A universidade que queremos**. 2018. Disponível em: <https://cimi.org.br/2018/09/depoimentos-a-universidade-nao-esta-preparada-para-tanta-diversidade/>. Acesso: 21 ago. de 2023.

CUNHA, Renata Vieira da. **Artesanato Pataxó: diversidade de materiais, práticas culturais em processo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar, Instituições, Sujeitos e Currículos) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9EFFPS/1/dissertacao.pdf>. Acesso em: 8 maio 2024.

EXPOSIÇÃO XINGU: contatos. Instituto Moreira Salles - IMS. 2022. Disponível em: https://ims.com.br/exposicao/xingu-contatos_ims-paulista/. Acesso em: 22 Ago. de 2023.

FEBRAPILS (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA-INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS). Código de Conduta e Ética. Brasília, DF: Febrapils, 2014. Disponível em:

<https://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Codigo-de-Conduta-e-Etica.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

FERNANDES, Sueli, MEDEIROS, Jonatas Rodrigues. **Libras e Arte: Manifestações Verbo Visuais de Artefatos Culturais da Comunidade Surda**. Revista Espaço, Rio de Janeiro, Dossiê Artes e Libras/Periódico Científico do INES, nº 54, Jul-dez, 2020. p. 15-29. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1624/1604>. Acesso em: 14 jun. de 2024.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. **Sign Language Studies**, p. 45-56, 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26203575>. Acesso em: 26 de maio de 2024.

GIL, Antônio Carlos. Como Delinear Estudos de Campo? In: **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. São Paulo: Editora S.A, 2002. p. 129-137. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 24 jun. de 2024.

GONÇALVES, José Luiz Vila Real. O desenvolvimento da competência do tradutor: em busca de parâmetros cognitivos. In: ALVES, Fábio, MAGALHÃES, Célia, PAGANO, Adriana. (Eds.) **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

HATIM, Basil; MASON, Ian. **The Translator as Communicator**. London/New York: Routledge, 1997.

KAKUMASU, James Yoshio. Urubu-Kaapor sign language. **Summer Institute of Linguistics**. 1968. Disponível em: http://www.biolingagem.com/ling_cog_cult/kakumasu_1968_urubukaapor_signlanguage.pdf. Acesso em: 25 de maio de 2024.

KELLY, Dorothy. Un modelo de competencia traductora: bases para el diseño curricular, Puentes, 1, p. 9-20, 2002. Disponível em: <https://wpd.ugr.es/~greti/revista-puentes/pub1/02-Kelly.pdf> Acesso em 14 out 2024.

LIAMES. **Línguas Indígenas Americanas**, Campinas, SP, v. 22, n. 00, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8667592/29422>. Acesso em 13 de Jul 2023.

MARCON, Andréia Mendiola. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/644681b81f2cb7f90f93b613729ef637.pdf>. Acesso em: 27 jun 2024.

MARQUES, Nathália Vieira. O mito da neutralidade e o intérprete de língua de sinais. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 7, n. 7, 2012.

MATEUS, Ionah Beatriz Beraldo. Os desafios do ensino superior para o aluno indígena. **Revista ft**, Rio de Janeiro-RJ, Ciências Humanas, V. 28 – Ed. 130, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/os-desafios-do-ensino-superior-para-o-aluno-indigena/>. Acesso em: 25 maio 2024.

NAUROSKI, Everson Araújo; MOSER, Alvino; LOPES, Luis Fernando; Petracca, Ricardo Mendonça. Ética, estética, educação. Curitiba: InterSaber, 2024.

NEUBERT, A. Competence in language, in languages, and in translation. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (Eds.). **Developing Translation Competence**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp.3-18, 2000.

PACTE GROUP. Building a translation competence model. In: ALVES, F. (Ed.). **Triangulating translation: perspectives in process oriented research**. Amsterdam: John Benjamins, pp.43-66, 2003.

PANKARARU-SANTOS, Luciana Maria, KAMBEBA-SOUZA, Marcondy Maurício, PALOMINO, Thais Juliana. O Nascimento do Pet Conexões Saberes Indígenas: Da Constituição de 1988 à Chegada da Diversidade de Povos Indígenas na UFSCar. In: PEREIRA, André da Silva, *et al.* **PET conexões saberes indígenas, UFSCar: das origens aos horizontes**. São Carlos. CEPOI/UFSCar, 2021.

PAULA, Julieth Correa. **Passagens e materialidades da fotografia em imagens print screen**. Dissertação (mestrado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, São Leopoldo/RS, 2016. p. 121. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5457>. Acesso em: 11/06/2024.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 57 1 (2018a): 287-318, Campinas: Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v57n1/0103-1813-tla-57-01-0287.pdf>. Acesso em: 06/06/2024.

SILVA, Ciriane Jane Casagrande da. A corporeidade da intérprete de libras na percepção dos sentidos produzida por interlocutores surdos. **Revista Científica Ciência em Curso**, Palhoça, SC, v. 3, n. 2, p. 125-132, jul./dez. 2014. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/ciencia_curso/article/view/19050/12540. Acesso em: 12 jun. de 2024.

SOARES, Priscilla Alyne Sumaio; FARGETTI, Cristina Martins. Línguas indígenas de sinais: pesquisas no Brasil. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas, SP, v. 22, n. 00, 2022. DOI: 10.20396/liames.v22i00.8667592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8667592>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

SOARES, Priscilla Alyne Sumaio. **Língua Terena de sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos Terena da Terra Indígena Cachoeirinha**. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. 2018. Araraquara: UNESP. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/155878>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

SOUZA, Millene Barros Guimarães de. Plurilinguismo e Pluriculturalidade: abordagem humanística. **Revista Latino-americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. Foz do Iguaçu /PR. V. 05, mai., 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1486/969>. Acesso: 03 maio de 2024.

